

# DAVID SANTOS, A REINVENÇÃO DO REAL – CURADORIA E ARTE CONTEMPORÂNEA NO MUSEU DO NEO- REALISMO

LISBOA: SISTEMA SOLAR CRL  
(DOCUMENTA), 2014

MARIANA MARIN GASPAR  
Instituto de História da Arte  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Universidade Nova de Lisboa  
Bolsista de doutoramento – FCT

Publicado em Dezembro de 2014, *A Reinvenção do Real* de David Santos retoma o trabalho mais alargado que constituiu a sua tese de Doutoramento apresentada no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra. Para além do relevo académico e científico, evidente nas páginas agora publicadas, o interesse maior e a oportunidade desta edição, assim disponível a um número de leitores muito mais alargado, decorrem das questões que lança e problematiza, questões que, quer no plano da teoria quer no da prática museológica e curatorial, amplas e polissémicas, são, a um tempo, oportunas e urgentes, tão mais quanto se situam “de uma forma quase subliminar”, como refere Delfim Sardo no Prefácio, no contexto particular das idiosincrasias do universo português, particularizado ainda pela situação de relativa exceção e excentricidade face a esse mesmo contexto. A questão central que o autor faz realçar, expressa, aliás, na identificação titular da obra – *A Reinvenção do Real* – corporiza o confronto e articulação que pretendeu estabelecer e de que faz aqui um balanço retrospectivo, entre a ideia de museu constitutiva da sua vocação original, isto é, a conservação, o estudo e a divulgação de um espólio alargado do Neo-Realismo português, e a de mostrar, paralelamente, como a arte contemporânea dialoga com a leitura de uma das múltiplas faces do modernismo nacional, ou como o contemporâneo pode ser, afinal, e na expressão do prefaciador, “uma outra declinação da modernidade”<sup>1</sup>.

O autor parte duma síntese reflexiva sobre o papel desempenhado hoje pelos museus que parece debaterem-se com a dúplici atitude de estudo e conservação,



<sup>1</sup> Delfim Sardo, “Prefácio”, David Santos, *A Reinvenção do Real*, curadoria e arte contemporânea no Museu do Neo-Realismo, Lisboa: Sistema Solar CRL (Documenta), 2014, p. 26.

<sup>2</sup> David Santos, *op. cit.*, p. 37.

<sup>3</sup> Entre outubro de 2007 e novembro de 2012, teve lugar no Museu do Neo-Realismo, o ciclo *The Return of the Real*, um conjunto de vinte exposições de outros tantos artistas portugueses contemporâneos: João Tabarra, José Maçãs de Carvalho, Paulo Mendes, Pedro Cabral Santo, Alice Geirinhas, Miguel Palma, Ângela Ferreira, Fernando José Pereira, João Fonte Santa, Manuel Santos Maia, Pedro Amaral, António Olaió, Carla Filipe, Eduardo matos, Rita Castro Neves, Pedro Loureiro, Emanuel Brás, António de Sousa, Ana Pérez-Quiroga e João Louro.

<sup>4</sup> David Santos, *op. cit.*, p.53

<sup>5</sup> *Ibidem*

cerne de uma vocação ancestral, e de abertura à fruição e apropriação por parte de uma população cada vez mais alargada cujo tempo de reação e contemplação é progressivamente mais célere mas que, apesar dessa apetência inevitável pelo consumo e da voracidade com que o pratica, constitui-se como um incontornável objetivo de toda a política cultural, logo, o destinatário de uma atenta programação: “apesar da diversidade de processos que conduzem ao contacto direto ou indireto com o património museológico, a missão do museu não deve nunca perder de vista o seu contributo específico mas decisivo de promoção do saber junto daqueles que o visitam e cultivam.”<sup>2</sup> Esta reflexão prévia resulta tão mais oportuna quanto avaliza o projeto desenhado desde o arranque institucional do Museu do Neo-Realismo, em 2007, cuja direção foi desde então assegurada pelo autor, até finais de 2013. Mais do que dar a conhecer o percurso de um museu, da ideia original à sua concretização plena, tão mais interessante e significativa, quanto parte de um movimento literário do modernismo português e de uma época de contestação e combate político, e se radica numa cidade periférica, naturalmente pouco desperta para exercícios culturais que desafiam uma reflexão crítica, cremos que a questão central e a mais desafiante na leitura de *A Reinvenção do Real* é a de permitir a compreensão de um programa curatorial que soube exemplarmente relacionar e confrontar o caráter documental e memorialista do acervo inicial, progressivamente alargado, com um conjunto notável de exposições<sup>3</sup> de arte portuguesa contemporânea que não procuraram um paralelismo imediato com o espólio disponível, nem tão pouco o refletiram como modelo ou exemplo, procurando antes uma reflexão inspirada e inspiradora que interpelava ou contrapunha. Se “alguns aspetos da intervenção neorealista, nomeadamente a ideia de uma consciencialização política e social a partir da comunicação da obra de arte, estão muito mais presentes nos nossos dias do que seria expectável”<sup>4</sup>, tal seria demonstrado pelas múltiplas propostas artísticas que de algum modo atuaram como a expressão diversa de uma arte política, interventiva e socialmente comprometida. Este foi o objetivo do curador e este foi também o exercício do autor: “devemos esclarecer que nenhum dos artistas convidados a expor [...] apresenta uma filiação, direta ou indireta, com a herança do movimento neorealista, a não ser no ínfimo sentido em que o seu trabalho artístico representa um questionamento real e/ou simbólico sobre as condições do sistema político e económico-capitalista vigente.”<sup>5</sup> São mais de duzentas páginas que nos dão a conhecer o pensamento do diretor de um museu “temático”, comissário de tantas exposições e agora autor de um agradável, múltiplo e utilíssimo ensaio que sem comprometer ou mitigar o estudo, a conservação e a divulgação de uma parte importante da herança neorealista portuguesa, quis antes enriquecê-la pelo diálogo com outras propostas que, na presente obra, surgem individualizadas, numa apreciação que retoma, naturalmente, o que constituiu, na altura, os textos de sala de cada exposição; são páginas de uma eloquente deambulação sobre as propostas artísticas apresentadas em exposições individuais, uma revisitação ensaística da obra de cada um dos artistas convidados, “epigrafadas” por uma contundente reflexão interpelativa sobre a temporalidade da arte, partindo do pressuposto que

“a arte que procura ser intemporal tem pavor do tempo presente, isto é, das circunstâncias que se diluem na voragem incessante das horas e dos dias”<sup>6</sup> e que, como tal, arrisca a uma inconsequente datação. Com tal reflexão, o autor alerta-nos, leitores no presente, para as circunstâncias idiossincráticas dos artistas na sua liberdade conceitual e ideológica, presentes num ciclo temporal forçosamente marcado pelas contingências próprias do devir político, social, económico, numa palavra, pela história. *The Return of the Real*<sup>7</sup>, designação “sintomaticamente” tomada do texto homónimo de Hal Foster, testemunha e corporiza muitas das preocupações conceituais e artísticas que as últimas décadas do século passado revelaram no plano internacional, e que a prática de alguns artistas portugueses demonstrou acompanhar. A “desestabilização da instituição arte” resultante de experiências e opções que tenderam à efemeridade e à desmaterialização da obra de arte, desafiou “um «regresso “do” e “ao” real» que se traduziu ao mesmo tempo na sua «reinvenção» crítica”<sup>8</sup>. É esta a ideia central que perpassa todo o livro, nomeadamente os vinte ensaios que constituem excelente reflexão sobre diferentes abordagens da arte portuguesa contemporânea, na sua expressão de afirmação do “real”, um real crítico, político, social, comprometido e não raras vezes sentido como trauma.

Numa segunda parte, bem mais sintética mas não menos relevante, quer do ponto de vista da reflexão crítica que oferece, quer como epílogo interpretativo da narrativa tão sedutoramente conduzida, David Santos elabora sobre as razões que mobilizaram um declarado ativismo artístico, tão marcante do contemporâneo e reconhecido a partir do segundo pós-guerra, bem como os diversos modos de condução dessa vontade interventiva que não mais se reduzindo a uma prática artística predominantemente estética, antes se afirmou como voz dissonante no panorama homogeneizador, volátil e volúvel, de uma sociedade capitalista finissecular. O autor problematiza ainda sobre a cisão dicotómica “entre uma política da arte e uma arte política” e uma persistente dissonância crítica, convocando e dialogando, para tanto, com autores estruturantes do pensamento contemporâneo.

Numa linguagem expressiva e cativante e num discurso, simultaneamente, rigoroso, empenhado e desafiante, David Santos dá-nos a conhecer a maturada reflexão que sustentou a orientação programática e crítica do Museu do Neo-Realismo e constitui o cerne da investigação científica desenvolvida. *A Reinvenção do Real* é assim, a um tempo, um documento que serve a memória e uma partilha sensível de um pensamento e de um fazer singulares, tão sugestivamente introduzidos nas primeiras páginas, como “notas sobre a solidão de um projeto”. ●

<sup>6</sup> David Santos, *op. cit.*, p. 69.

<sup>7</sup> Hal Foster, *The Return of the Real: The Avant-Garde at the End of the Century*, Cambridge, Massachussets/Londres, The MIT Press, 1996.

<sup>8</sup> David Santos, *op. cit.*, p. 49-50.